REVISTA DA ABPN

DOI 10.31418/2177-2770.2023.v16.c.1.p 198-232 | ISSN 2177-2770
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

# CABELO COMO DENÚNCIA E VIA PARA A CONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE

*Benilde Silva Portuguez*[1]
*Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, SC, Brasil.*

*Lia Vainer Schucman*[2]
*Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia., Florianópolis, SC, Brasil.*

**Resumo:** *Cabelos* é o tema central deste trabalho, a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito sujeitos negros (as), de faixa etária de 26 a 45 anos; pretende-se refletir sobre os seguintes questionamentos: O que o cabelo nos diz sobre nossa sociedade? Em que momento o cabelo se tornou uma marca tão poderosa a ponto de causar em pessoas negras efeitos psicossociais que podem durar uma vida? Quais os sentidos de cabelos para pessoas negras? Realizou-se análise temática e, a partir dos resultados, observou-se que o cabelo pode ser considerado uma via para construção e manutenção de identidade. Identidade esta que é concebida através do próprio olhar e do olhar de terceiros, logo, cabelo pode ser via de descoberta de ser negro, os fios são, então, um meio de denúncia inquestionável, mas também, podem ser grandes aliados na concepção de negritude positivada.

**Palavras-chave**: Marcador social; Raça; Racismo; Beleza negra; Psicologia social.

[1] Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: benilde.portuguez@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1214-3669

[2] Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: liavainers@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7659-4632

## HAIR AS AN ACCUSATION AND PATHWAY TO THE CONSTRUCTION OF BLACKNESS

**Abstract:** *Hair* is the central theme of this work, from semi-structured interviews conducted with eight black subjects, aged 26 to 45 years; it is intended to reflect on the following questions: What does hair tell us about our society? At what point did hair become such a powerful brand that it causes psychosocial effects in black people that can last a lifetime? What are the meanings of hair for black people? A thematic analysis was carried out and, from the results, it was observed that hair can be considered a way to build and maintain identity. This identity is conceived through one's own gaze and the gaze of others, so hair can be a way of discovering being black, the strands are then a means of unquestionable denunciation, but they can also be great allies in the conception of positive blackness.

**Keywords**: Social marker; Race; Racism; Black beauty; Social psychology.

## LES CHEVEUX COMME ACCUSATION ET VOIE VERS LA CONSTRUCTION DE LA NÉGRITUDE

**Résumé :** Le *cheveu* est le thème central de ce travail, basé sur des entretiens semi-structurés menés avec huit sujets noirs, âgés de 26 à 45 ans ; il vise à réfléchir aux questions suivantes : Qu'est-ce que les cheveux nous disent sur notre société ? A quel moment le cheveu est-il devenu une marque si puissante qu'elle peut provoquer chez les Noirs des effets psychosociaux qui peuvent durer toute la vie ? Quelles sont les significations des cheveux pour les Noirs ? Une analyse thématique a été réalisée et, d'après les résultats, il a été observé que les cheveux peuvent être considérés comme un moyen de construire et de maintenir l'identité. Cette identité se conçoit à travers son propre regard et le regard des autres, ainsi les cheveux peuvent être un moyen de découvrir la négritude, les cheveux sont alors un moyen de dénonciation incontestable, mais peuvent aussi être de grands alliés dans la conception d'une négritude positive.

**Mots-clés**: Marqueur social; Race; Racisme; Beauté noire; Psychologie sociale.

## CABELLO COMO DENUNCIA Y CAMINO HACIA LA CONSTRUCCIÓN DE LA NEGRITUD

**Resumen:** El *cabello* es el tema central de este trabajo, basado en entrevistas semiestructuradas realizadas con acho sujetos negros, de edades comprendidas entre los 26 y los 45 años; con él se pretende reflexionar sobre las siguientes cuestiones: ¿Qué nos dice el pelo sobre nuestra sociedad? ¿En qué momento el pelo se convirtió en una marca tan poderosa que puede causar efectos psicosociales en las personas negras que pueden durar toda la vida? ¿Qué significado tiene el pelo para los negros? Se llevó a cabo un análisis temático y, a partir de los resultados, se observó que el pelo puede considerarse una forma de construir y mantener la identidad. Esta identidad se concibe a través de la propia mirada y de la mirada de los demás, por lo que el pelo puede ser una forma de descubrir el ser negro, el pelo es entonces un medio de denuncia incuestionable, pero también pueden ser grandes aliados en la concepción de la negritud positiva.

**Palabras clave**: Marcador social; Raza; Racismo; Belleza negra; Psicología social.

## INTRODUÇÃO

*Orgulho preto, manas e manos*
*Garfo no crespo, tamo se armando*
*De turbante ou bombeta*
*Vamo jogar, ganhar de lambreta*
*Problema deles, não se intrometa*
*Olha a coisa tá ficando preta*
...
*Se eu te falar que a coisa tá preta*
*A coisa tá boa, pode acreditar*
*Seu preconceito vai arrumar treta*
*Sai dessa garoa que é pra não molhar*

*A Coisa Tá Preta - Canção de Rincon Sapiência*[3]

A palavra *Cabelo* parece nos dizer de uma simples característica física entre a diversidade humana. No entanto, na história de muitos brasileiros, o cabelo é parte corporal alvo de diferentes experiências e sensações; marca os sujeitos em sua história de vida, isto porque vivemos em uma sociedade racista atravessada pelo ideal de embranquecimento físico e cultural. Posto isto, vale dizer que não são poucos os relatos de mulheres negras e homens negros que vivem uma vida tentando esconder o crespo, os cachos, as ondas que carregam nas raízes dos seus cabelos para se sentirem pertencentes a um suposto ideal de humanidade. Uma fantasia de civilidade mais avançada, de uma suposta superioridade associada à brancura em nosso país.

A partir disso, lançamos os seguintes questionamentos*: O que o cabelo nos diz sobre nossa sociedade? Em que momento o cabelo se tornou uma marca tão poderosa a ponto de causar em pessoas negras efeitos psicossociais que podem durar uma vida? Quais os sentidos de cabelos para pessoas negras?* Essas perguntas orientam aquilo que investigamos.

[3] Rincon Sapiência é um *rapper*, negro, paulista que lançou um clipe e uma música intitulada: "A coisa tá preta" propositalmente na data: 13 de maio de 2016, data do dia da abolição da escravatura no Brasil. A faixa compõe seu disco chamado "Galanga Livre", o álbum recebe esse nome em homenagem ao rei do Congo que veio para o Brasil como escravo e, existe uma lenda chamada Chico-Rei que conta a história deste rei, cujo nome verdadeiro era Galanga. (Redação Hypeness, 2020).

Assim, *cabelos* é o tema central deste trabalho, em que apresentamos algumas reflexões decorrentes da dissertação de mestrado de uma das autoras, uma pesquisadora negra de cabelos crespos e, por essa razão, também participante da pesquisa, uma vez que em muitos momentos se deparou tentando (re)formular ou responder as questões do roteiro de entrevista. Tal movimento provocava nesta autora rememorações de episódios, na maioria das vezes tristes e dolorosos, que hoje ela consegue identificar/nomear, e que estão diretamente relacionados a falas racistas anti-negras ouvidas desde o período da infância até os dias atuais.

Desta forma, esta pesquisa parte do pressuposto que todo pesquisador fala de um lugar, que forma seu *lócus* de anunciação (FOUCAULT, 2009) e, portanto, há uma implicação pessoal nesta escrita. Ou, como afirmam Martins Filho e Narvai (2013) e Merhy (2004), os sujeitos que produzem conhecimento científico são motivados por algo que os mobiliza, neste caso, o cabelo. Com isso, ao nos distanciarmos das noções de neutralidade e imparcialidade, afirmo o meu lugar de implicação enquanto pesquisadora na produção de conhecimento, pois entendo que a escolha do tema de pesquisa está diretamente relacionada com a minha história de vida. Este tema me atravessa, aparece e surge constantemente no meu dia a dia, ele está literalmente na minha cabeça.

Ao adotar cabelo como tema de estudo, a proposta é produzir um saber parcial e situado, como sugere Haraway (1995). Isto é, não tenho a pretensão de produzir análises neutras ou universalistas, mas busco demarcar o meu lugar de enunciação e me colocar aberta as contestações. Já que falo de um lugar específico, enquanto sujeito-mulher-negra como nomeia Evaristo (2020), e por essa razão demando aqui

> [...] uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e realidades – não há discursos neutros. Quando acadêmicas[os] brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder (KILOMBA, 2019, p. 58).

Produzimos, assim, uma escrita viva, uma escrita de dentro que diz da minha vivência - uma escrevivência, nas palavras da linguista e escritora Conceição Evaristo (2020), que cunhou o termo “escrevivência” cuja junção advém de *escrever* e *vivência*.

Tal escrita é pessoal, mas como me ensina as feministas negras, o pessoal é político e o político é pessoal (COLLINS; BILGE, 2020; GOMES, 2009; GONZALEZ, 1984; HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019). Negros se tornam sujeitos quando ousam falar por conta própria, contar suas histórias e escrever ou falar sobre suas vivências, pois isso os retira do lugar de objetificação/coisificação (GONZALEZ, 1984). De acordo com Lélia Gonzalez:

> Ora, **na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira,** pois assim o determina a lógica da dominação [...] assumimos aqui [o] ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, **o lixo vai falar, e numa boa** (GONZALEZ, 1984, p. 225, grifo nosso).

Neste sentido, é importante ressaltar que falar não é um ato simples para sujeitos negros, pois romper o silêncio evoca ter que lidar com dores profundas acometidas pelas violências racistas sofridas. Já na introdução da sua obra *A cor do inconsciente: Significações do Corpo Negro*, Isildinha Baptista Nogueira (2021) infere sobre os sentidos que acompanha o racismo, e faz considerações referentes a atual situação ao afirmar que "o negro pode ser consciente de sua condição e das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixou inscritas em sua psique." (NOGUEIRA, 2021, p. 34). Entretanto, a fala "é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos [...]. Sendo assim, é um ato de coragem" (hooks, 2019, p. 36). Para a bell hooks, erguer a voz é "um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de 'erguer a voz', não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta" (hooks, 2019, p. 39).

A partir das reflexões trazidas, concebemos o processo de escrita como uma estratégia científica capaz de denunciar os efeitos do racismo na estética negra, bem como apta para refletir sobre as estratégias de resistência (geralmente coletivas) para as pessoas negras. Sendo assim, como pesquisadoras engajadas, buscamos produzir uma "ciência-ativista" (COLLINS; BILGE, 2020) que atua politicamente no enfrentamento do racismo, pois como nos orienta Evaristo (2007, p. 16): "a nossa escrevivência não

pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos". Em tempo, afirmamos que o fato da nossa escrita ser pessoal não quer dizer que ela seja individual. Como diz Sued Nunes em sua canção: "eu sou uma, mas não sou só"[4]. Em outras palavras, a escrita é povoada por muitas vozes, é uma escrita feita a muitos fios, fios de diferentes texturas. Assim, nos colocamos no desafio de *pentear com palavras* a partir da tentativa de trançar vivências plurais. Trançar um artigo é uma tarefa coletiva! A nossa escrevivência não é uma escrita voltada para a história de um sujeito, mas sim, para a história e a experiência de uma coletividade negra (EVARISTO, 2020). No decorrer deste trabalho, percebemo-nos "contaminada" por vários fatores que motivam a minha escrita: teatro, música, arte, a estética dos penteados, me permitindo mudar o cabelo várias vezes nesse percurso. "Nossa escrevivência traz a experiência" (EVARISTO, 2020, p. 30).

## RAÇA, RACISMO NO BRASIL

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população brasileira é composta majoritariamente por pessoas que se autodeclaram pardas e pretas (56,2%), sendo que 46,8% dos brasileiros se autodeclaram pardos e 9,4% pretos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018). O Movimento Negro Unificado (MNU) faz a junção das categorias "pardas" e "pretas" ao denominar como negras (de pele clara e de pele escura, respectivamente) as pessoas desses dois grupos. A partir disso, é possível evidenciar a relevância de discutir questões raciais em pesquisas acadêmicas, principalmente quando se refere aos profissionais da psicologia tendo em conta não apenas a constituição da população brasileira, mas o reconhecimento da relevância técnica da temática pelo próprio Conselho Federal de Psicologia através da Resolução nº 18/2022 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022), normativa que conta com mais de vinte anos de existência.

Em 1997, o psicólogo social Martin-Baró discutiu sobre o termo que ele nomeou como o *quefazer* psicológico, com o intuito de argumentar que é necessário que este "quefazer" esteja congruente ao contexto e às necessidades dos povos-alvo. Neste sentido, conhecer e considerar as especificidades e determinantes sociais, como gênero,

[4] Música "povoada", de Sued Nunes.

raça, classe etc. é primordial para a proposição de uma prática psicológica comprometida com a sociedade. Uma pista sobre como o racismo opera em termos psíquicos e sociais é dada pelo psicanalista e psiquiatra Frantz Fanon (2008, p. 152) ao revelar que "para maioria dos brancos, o negro representa um instinto sexual (não educado). O preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições", é aquele que não foi interditado pela civilização.

O racismo é uma construção ideológica que parte do processo de colonização realizado por povos europeus e tem por finalidade categorizar e hierarquizar populações humanas a partir de características observadas. Apesar de não possuir respaldo biológico, a ideia de raça possui eficácia social (SCHUCMAN, 2010). Compreender as assimetrias do Brasil é necessário e discutir raça como categoria permite o entendimento de que raça é nada mais nada menos que uma cotação histórica, determinada socialmente, ainda que as pessoas ditas pretas, pardas, brancas e amarelas não sejam munidas de questões genéticas plausíveis para as distinguir enquanto suposta raça (SCHUCMAN, 2010). Vale ressaltar que, neste país, o racismo se revela a partir de características fenotípicas (NOGUEIRA, 2006) de seres pertencentes a grupos sociais distintos (HASENBALG, 1979). Grupos estes que são inferiorizados e acabam tendo suas identidades deslegitimadas (SOUZA, 1983). Raça não é um termo estático, fixo e material, é uma categoria relacional e histórica (ALMEIDA, 2018; SANTOS; SCHUCMAN, 2015).

Fazemos uma metáfora, no que diz respeito às "raízes" do racismo com as raízes do cabelo. Porque o racismo no Brasil também cresce, o racismo à brasileira tem se capilarizado, principalmente através dos racismos estrutural, institucional e interpessoal (ou inter-subjetivo). Esses racismos se penteiam, se hidratam, se embaraçam e se desembaraçam ao ponto de estruturar as relações e colaborar fielmente para a manutenção do sistema econômico que vigora no país desde o século XIX - o capitalismo.

O racismo é um componente estrutural da sociedade, e nasce no pensamento europeu juntamente com a ideia de ciência moderna e de humanidade a partir dos séculos XVII e XIX. O racismo compõe a estrutura de nossa sociedade, é um processo histórico que nunca se ausentou da modernidade há uma estrutura social que hierarquiza

supostas raças distintas (ALMEIDA, 2018, SOVIK, 2004), e que, além disso, legitima a "ideia de superioridade de um grupo sobre o outro e, consequentemente, as desigualdades, a apropriação indébita de bens concretos e simbólicos, e a manutenção de privilégios" (CARONE; BENTO, 2002, p. 32).

No livro, *Genealogia del Racismo*, traduzido para o português como "Em defesa da sociedade", o filósofo francês Michel Foucault revela que a condição de aceitabilidade do massacre e do homicídio é o racismo: "o racismo é indispensável para poder condenar à morte, para fazer morrer alguém" (FOUCAULT, 1998, p. 207). Ao conceituar a biopolítica como sendo a tomada dos sujeitos enquanto corpo-espécie e a normalização dos processos biológicos da população (nascimentos, mortes, adoecimentos etc.), o autor aponta que não apenas o fazer-viver, mas também o fazer-morrer integram este sistema voltado à proteção de um dito corpo social saudável em relação àquilo que representa para ele um risco.

Daí o racismo como ferramenta de separação, categorização e eliminação não ser incongruente com esta nova forma de governo. Sendo assim, o poder que consente e aprova viver alguns é o mesmo que autoriza o falecimento de vários outros. A legitimação de tais ações ocorre através do modo como o Estado opera; é a partir do biopoder que isso ocorre; na mesma obra, Foucault afirma que "a função homicida do próprio Estado só pode ser assegurada por causa do racismo" (FOUCAULT, 1998, p. 207).

Portanto, se a estrutura é racista igualmente se constitui pessoas e, consequentemente, instituições racistas, que por sua vez reforçam e constituem igualmente tal forma social. Não estamos isentos de algo que perpassa a todos, de um fator que é estrutural (ALMEIDA, 2018). Lima (2019) ressalta que o racismo precisa ser tratado no plural - racismos - frente aos variados modos que ele se manifesta. Desta maneira, o racismo ultrapassa as demonstrações interpessoais, ele se revela nas instituições, nas políticas públicas etc. E, consequentemente, a manutenção dos privilégios que o grupo social branco possui sobre os demais é combustível para a discriminação racial (ALMEIDA, 2018, CARONE; BENTO, 2002).

A formação de psicólogos ainda está centrada nos pressupostos de um desenvolvimento igual do psiquismo, na ideia de humanidade universal, deixando de

levar em conta os diferentes pertencimentos raciais dos indivíduos. A Psicologia enquanto ciência e profissão têm compromisso ético, social e político com a superação da discriminação racial, embora suas ações nessa direção sejam tímidas, por meio de resoluções, como é o caso da resolução 18/2002 que "estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2002, s.p.); e os cadernos temáticos produzidos institucionalmente (Conselho Federal de Psicologia e alguns conselhos regionais de Psicologia)[5]. No âmbito da pesquisa há reduzida produção científica, ainda que a produção existente seja relevante para a compreensão das relações étnico-raciais do país, como concluem Martins, Santos e Colosso (2013).

## TRAVESSIAS DA PESQUISA

A temática central escolhida nesta pesquisa científica esteve presente em vários momentos no cotidiano de uma das autoras; a impressão é que se falava sobre "cabelos" em todos os lugares que frequentava, era nos churrascos em casas de amigos, durante o almoço no restaurante universitário, no samba, nas viagens que eu fiz, na praia e na academia que frequento para fazer atividade física. Mesmo sem sair de casa, este assunto chegava até mim através do curso *online* que decidi fazer, das mensagens que recebia de amigos e conhecidos nas redes sociais sobre o assunto, e por aí vai. Nesta perspectiva, este trabalho embasou nos trabalhos da psicóloga e professora, Mary Jane P. Spink, e do professor e psicólogo inglês radicado no Brasil, Peter Kevin Spink.

Em 2003, Peter Spink propôs aos pesquisadores de psicologia social, em seu texto *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*, após inúmeras discussões referentes à pesquisa de campo, ao qual ele sugere que sempre existirão possibilidades referentes ao nosso tema em qualquer meio que estivermos, pois, o meio também pode ter uma mensagem.

[5] CFP material produzido pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), 2017. CRP/SP – Caderno Temático 1: Psicologia e preconceito racial (2007); Caderno Temático 1: Contra o genocídio da população negra: subsídios técnicos e teóricos para a Psicologia (2014).

A partir dos estudos das contribuições teóricas e metodológicas de investigação de Kurt Lewin, que inclui o pesquisador em seu campo de pesquisa e nomeia essa inclusão do pesquisador como pesquisa-ação, pesquisou temas referentes ao seu cotidiano. Spink (2003, p. 22) afirma que "contar histórias faz parte do processo de pesquisa". A partir desta proposição, o campo deixa de ser um lugar com especificidades e passa a ser a processualidade de temas situados. Dito de outro modo, a proposta se refere ao pesquisador(a) tomar uma postura ativa nomeada como "investigação em ação" ao passo que "campo é o campo do tema, o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto, mas são redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam" (Spink, 2003, p. 36). Essa interconectividade diz respeito a distintos locais, vozes e momentos que não são necessariamente conhecidos uns pelos outros.

Intitulado "Pesquisando *no* cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social", Mary Spink discute sobre a importância de pesquisarmos no cotidiano, e alega:

> Se pesquisarmos *o* cotidiano, estabeleceremos a clássica separação entre pesquisador e seu objeto de pesquisa. Mas, se pesquisarmos *no* cotidiano, seremos partícipes dessas ações que se desenrolam em espaços de convivência mais ou menos públicos. Fazemos parte do fluxo de ações; somos parte dessa comunidade e compartimos de normas e expectativas que nos permitem pressupor uma compreensão compartilhada dessas interações. (SPINK, 2007, p. 7)

No artigo *O pesquisador conversador no cotidiano*, Spink (2008) parte da proposta de que o cotidiano é uma ferramenta valiosa que temos à nossa disposição em tempo integral. Portanto, essa forma de pesquisar é uma oportunidade para o reposicionamento do pesquisador no cotidiano. Logo, o pesquisador em psicologia social deve usufruir dos micro-lugares, que designa em

> [...] chamar atenção para a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem. Com a expressão "micro-lugares", busca-se recuperar a noção da psicologia social como prática social, de conversa e de debate, de uma inserção horizontal do pesquisador nos encontros diários (SPINK, 2008, p. 70).

Assim, usamos para análise e compreensão dos significados sociais atribuídos aos cabelos diferentes formas de dados, conversas informais, relatos cotidianos em que

uma das autoras esteja presente, depoimentos em redes sociais, anúncios de produtos em que o tema esteja presente farão parte do olhar para os significados de cabelo na construção de identidade racial negra. Ainda, para complementar um aprofundamento dos sentidos produzidos pelos sujeitos, escolhemos realizar algumas entrevistas com pessoas negras para entender qual é o significado e a produção de sentidos do cabelo para essas pessoas. A escolha das entrevistas como instrumento se dá pelo fato de que estas, ao privilegiar as falas dos "atores sociais, permitem atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo." (FRASER; GONDIM, 2004, p. 141).

As entrevistas foram feitas com oito sujeitos negros com idade média de 33 anos – que se autodeclaram pardos ou pretos –, cisgênero ou transgênero, maiores de 18 anos. Dentre os participantes tem pessoas que já passaram pela transição capilar[6], que usam ou já utilizaram tranças, que já fizeram o Big Chop[7], que possuem os cabelos lisos etc. Para o aprofundamento dos sentidos atribuídos ao lugar do cabelo na construção de negritude, construí um roteiro de entrevista semiestruturada que tem como pergunta central "o que o seu cabelo significa para você?". O modelo de entrevista semiestruturada foi escolhido por ser uma chave fundamental na investigação efetivada no campo interativo formado por entrevistador e entrevistado, o qual adota por referência os objetivos implícitos nas hipóteses levantadas pelo pesquisador/entrevistador (BLEGER, 1998).

Houve um convite prévio para aquelas pessoas que se encaixam nos critérios de inclusão, e todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente, as(os) participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). E, os dados pessoais das participantes da pesquisa foram mantidos em sigilo, por isso, todos têm um nome fictício, visando atender aos princípios éticos em pesquisa científica (ver Quadro 1). Após o contato e aceitação da(o) participante, realizou-se a entrevista; em seguida, estas

[6] **Transição capilar:** consiste em deixar de passar nos fios do cabelo qualquer produto químico que seja para modificar a estrutura dos fios, geralmente produtos que alisam ou que relaxam. É quando as pessoas resolvem "assumir as suas raízes".

[7] **Big Chop:** também chamado pelas siglas iniciais - de BC -, significa "grande corte"; geralmente realizado quando se decide iniciar a transição capilar, retirando-se assim todo o comprimento do cabelo que tenha algum tipo de química.

foram transcritas e analisadas - a partir da análise temática - relacionando o material das entrevistas com o que se têm publicado em bases de dados digitais (livros, revistas e outras) e livros impressos.

**Quadro 1**: Perfil dos sujeitos

| Nome fictício | Idade | Gênero | Cidade de Origem | Cidade em que a entrevista foi realizada | Profissão |
|---|---|---|---|---|---|
| Akin | 36 | homem-cis | Salvador - BA | Florianópolis - SC | Estudante |
| Alika | 28 | mulher-cis | Gurupi - TO | Goiânia - GO | Assessora de noivas |
| Bintu | 28 | mulher-cis | Tucumã - PA | Florianópolis - SC | Gerente comercial |
| Dayo | 26 | não-binário | Marília - SP | Florianópolis - SC | Publicitário |
| Erasto | 35 | homem-cis | Fortaleza - CE | Florianópolis - SC | Professor |
| Kayin | 31 | homem-cis | Uberlândia - MG | Florianópolis - SC | Físico |
| Luena | 45 | mulher-cis | São Paulo - SP | Florianópolis - SC | Auxiliar de cozinha |
| Zuri | 36 | mulher-cis | Palhoça - SC | Florianópolis - SC | Luthier |

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A análise escolhida para tratar os dados desta pesquisa foi a análise temática do tipo reflexiva. Ao qual permite uma análise com codificação fluída e flexível, cujo "ponto principal não é alcançar acurácia, mas imersão e profundo engajamento com os dados" (Souza, 2019, p. 53). Esse formato analisa as temáticas seguindo seis passos, a saber: familiarização com os dados, geração de códigos, busca de temas, revisão de temas, definição e nomeação dos temas e produção do relatório (Braun; Clarke, 2006). Essas fases da análise temática permitem ao(à) pesquisador(a) chegar a uma análise seguindo um trajeto que não tenha padrões rígidos e tão estabelecidos previamente. As categorias de análise são criadas ao longo dos encontros em campo. As análises produzidas terão por embasamento a perspectiva teórica do feminismo negro, a partir das produções de autoras como Lélia Gonzalez, Isildinha Nogueira, bell hooks, Neusa Santos, Conceição Evaristo, Patricia Hill Collins, Nilma Gomes etc.

## SOBRE O OLHAR DO OUTRO

A *constituição de sujeito* será uma categoria adotada através da perspectiva da abordagem sócio-histórica que tem por pressuposto "a origem e a natureza social e histórica do sujeito" (MOLON, 2011, p. 615). Ao qual argumenta, a partir das contribuições do psicólogo russo Vygotsky, que o sujeito é constituído pelo outro e pela linguagem (VYGOTSKY, 1987/2001).

No decorrer da pesquisa, foi percebido em muitos relatos, tanto nas entrevistas quanto em conversas informais, que o assunto cabelos surgia em algum momento, e que a percepção que as pessoas possuem tanto sobre sua raça quanto pelo seu cabelo é através do outro. Foram através de *feedbacks*, pedidos e tratamentos diferentes, e até relatos de episódios de racismo, que se percebe que a compreensão vem de fora para dentro. É por intermédio de algumas introjeções, ditas e experienciadas através do contato com o outro que o sujeito vai se constituindo e se percebendo no mundo. Com relação a isso, Molon (2011, p. 617) retoma o trabalho de Vygotsky para explicar como esses processos ocorrem quando ela diz

> Vygotsky busca compreender o vivido por "dentro" que veio de "fora", mas que não se cristaliza, não se torna estático ou estável, porém não é inefável nem indolor, pelo contrário, é significativamente sentido e vivido nas experiências, nas pausas, nas (in)determinações das in(ter)venções e nas situações em que o sujeito se posiciona. Coloca-se, então, o problema do outro: qual o alcance do outro, o que o outro capta, qual é o alcance de cada um, o que cada um capta. O olhar do outro sempre será diferente, mas precisa-se dele para se enxergar de forma diferente. Nessa perspectiva, o sujeito é uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-outro; ou seja, é na relação com os outros e por ela, é na linguagem e por ela que alguém se constitui sujeito e é constituinte de outros sujeitos. (MOLON, 2011, p. 617).

O racismo opera na sociedade relacionando os corpos de alguns indivíduos, simplesmente por causa de fatores externos (fenótipo) como cor, identidade de gênero, traços da face, tipos de cabelos etc.; supondo, a partir disso, fatores internos e intrínsecos como: a sua índole, moral, capacidade etc. E, com a constante exposição para o sujeito dessa suposta "inferioridade", corre-se o risco dessa pessoa introjetar tudo isso tendo, como consequência, uma interferência dessa "negatividade" em sua constituição de sujeito. Logo, é possível afirmar que a relação com o 'outro' pode ser definidora de um 'eu'. Vamos ver isso na fala de alguns sujeitos participantes da pesquisa, Zuri, que diz se definir racialmente como uma mulher negra e, ao ser indagada sobre o que se significa ser uma mulher negra, afirma que:

> *Zuri: A gente se descobre negra eu acho que muito, pelo menos eu me descobri negra, assim como eu descobri muitas coisas, mais pelo olhar do outro do que pelo meu próprio olhar assim. Então eu fui me descobrindo negra, pelas coisas, que eram do jeito que eu era tratada, diferente acho que desde a infância, assim né? Então eu notava que como os meus colegas pegavam no meu pé era diferente de como eles pegavam no pé das outras colegas isso, sei lá na creche. Então eles já me chamavam de macaca, banana queimada, é cabelo duro, já brincavam de puxar o meu cabelo que era diferente da forma como eles agrediam/brincavam com as outras meninas. Meu nome nunca tava na lista da menina mais bonita da sala, então nisso aí eu acho que eu fui me descobrindo negra, assim eu acho que eu sou e acho que as pessoas me veem diferente e me tratam diferente pela forma como elas me vê. Acho que foi assim, foi na creche, foi nos primeiros. E depois, acho que esse me ver negro foi se transformando principalmente quando eu conheci o maracatu.*

Outros sujeitos participantes também relataram perceber uma diferença, principalmente no tratamento, através do outro, devido a sua raça. Bintu, que diz se definir racialmente como negra, alega que

> *Bintu: Ser negra pra mim além dos traços físicos também tem uma questão cultural-histórica e como eu sou tratada também perante a sociedade que eu vivo principalmente na região que eu estou.*
>
> Entrevistadora: Como que você é tratada?
>
> *Aqui eu sou tratada como negra mesmo né!? Como "aquela crespina".*
>
> Entrevistadora: O que que é ser crespinha? O que que você acha que a galera está querendo dizer quando dizem que você é crespinha?
>
> *Principalmente que eu sou diferente deles, principalmente isso, e daí nisso já perguntam de onde eu sou mesmo não tendo muito sotaque, mas já perguntam assim: "ai de onde você é?" porque já pressupõe que eu não sou daqui, e que eu não sou igual a eles.*

Akin, diz que:

> Akin: *ser negro, pra mim, significa viver uma vida que você se identifica com a suas raízes ancestrais né? Mas, não é só isso é como também as pessoas me veem socialmente, inclusive nós negros normalmente somos discriminados em razão da nossa raça, claro que não é só isso, mas é como isso funciona né? Eu sou um homem negro e meus pais são negros e eu já tive muitas experiências positivas e negativas por ser negro, por exemplo eu já sofri de policiais que atiraram em mim na volta pra minha casa eu e um grupo de amigos por que nós éramos vistos com suspeitos naquela região, naquele contexto, então ser negro no Brasil é isso, nós temos que estar o tempo todo lutando contra uma estrutura que tenta o tempo todo nos matar de diversas formas, então ser negro*

> *é isso a gente acaba sendo meio que produto dessa experiência que é de alegria e sofrimento mesmo tempo.*

No quarto capítulo de *A cor do inconsciente: Significações do Corpo Negro*, Nogueira (2021, p. 131) infere sobre esse olhar, ao qual ela alega que aquilo que "o sujeito encontra no olhar do outro – a reprovação – assume o significado particular expresso na denominação e mostra o quanto aquela marca – a cor negra – que o sujeito negro, imaginariamente, crê poder esconder, neutralizar, está sempre lá.".

Bintu fala sobre esse olhar, inclusive, após deixar de alisar os fios e se mudar novamente de estado, percebe que este olhar se modifica e fica mais um de estranheza

> *Bintu: eu me mudei pra Goiânia, e eu fui cortando o alisado fui deixando ele cacheado e aí, uma diferença que eu vejo daqui (Florianópolis) pra Goiânia é que em Goiânia era muito elogiada, as pessoas adoravam muito meu cabelo falava: "nossa, que bonito! Faz alguma coisa pra ele ficar assim?". Não sei, lá eu sentia que era um tratamento, assim, diferente daqui, e aqui eu vejo mais com olhar de estranheza.*

Kayin relata sobre a distinção dos olhares, também após mudar de estado, ele se mudou de Minas Gerais para Santa Catarina e alega que:

> *Kayin: Aqui é um espaço muito branco e acho que o racismo aqui ele é mais escancarado, assim, de uma forma psicológica, não agressiva como, por exemplo, em Salvador, eu imagino, a violência física lá é mais forte, ou em outros locais mais violento, mas aqui acho que tem um olhar, tem essa demarcação do negro que aqui muito forte, por sermos um número bem reduzido, né?! Aqui no sul. Então, eu acho que aqui essa autoafirmação do negro é mais forte do que lá na minha cidade.*

Alika, falou sobre o olhar do outro, que, segundo ela, há olhares de aprovação e de reprovação, ela relata sobre a importância desses olhares para ela.

> *Alika: Eu sou muito "camaleoa", eu gosto de estar mudando, eu gosto sempre de experimentar. E uma mudança, é um diferencial, é muito bom (risos).*
>
> Entrevistadora: E como é ser diferente pra você? O que é esse diferencial pra você?
>
> *Alika: Ser diferente pra mim, no caso eu vou estar sendo eu mesma agora pras outras pessoas é, pras outras pessoas me olhar, porque tem como você entender quando a pessoa te olha e não gosta, e você entende quando a pessoa te olha e está achando maravilhoso. Não só uma pessoa te olha, mas todas as pessoas te olham e falam, e o olhar delas está: "assim o que? Que empoderamento é esse?" (risos). Isso pra mim é o diferencial (risos) "onde é que você vai com esse cabelo?" (risos) você dá uma jogada assim, e fala "pá estou indo mesmo" (risos) tem gente que olha e fala assim, dá pra perceber: "acho que não é dela*

> *não" aí só que eu sou uma pessoa que gosta de desafios, aí sim é que eu passo na frente dessa pessoa, não pra teimar ela, mas mais pra mostrar pra ela que eu estou fazendo aquilo não é por ela, e eu passo com o cabelo lindo, o vento bateu eu estou maravilhosa (risos).*

Mulher negra com cabelos naturalmente lisos, Luena relata que as pessoas indagam se o cabelo dela é realmente liso, após olharem e perceberem que os fios dela destoam do que, no imaginário das pessoas, deve ser o tipo de cabelo das pessoas negras. A fala dela demonstra que o olhar das pessoas também podem ser disparadoras de dúvidas, Luena tem pais interraciais e é negra de pele retinta; ela conta que várias pessoas já indagaram se ela alisa o cabelo, e como prova, diz que já lavou e esperou secar naturalmente

> Entrevistadora*: E as pessoas perguntam se você alisa o cabelo?*
>
> *Luena: Ahhhh (risos)*
>
> Entrevistadora*: Eu acho que deve vir muito essa pergunta né?*
>
> *Luena: E muito, muito! Principalmente quando me veem com meu pai ou juntos com os meus irmãos que todos tem um cabelo encaracolado, não é crespo, mas é bem encaracolado e tô eu lá (risos). "Ah, seu cabelo não é assim né? você é alisa!" Não, não aliso, eu nasci assim! Teve vezes, assim, de ter que lavar o cabelo e sair com cabelo molhado.*
>
> Entrevistadora*: Sério?*
>
> *Luena: Sim, pros amigos. Com os meus amigos eu tive uma experiência dessa de que eles ficaram falando, entramos na pauta desse assunto de cabelo e de raça. E eu tive que provar, lavei o cabelo esperei secar na frente todo mundo (risos) é bem complicado.*

Luena fala ainda sobre o estereótipo do tipo de texturas de cabelos, no qual parece haver uma distinção do tipo de cabelo que pessoas negras devem ter e o tipo de cabelo que as pessoas brancas devem ter. Ela diz:

> *Luena: pra quem faz essa comparação é muito grande realmente, tem cabelo de gente preto, parece, que tem aí o que que é pra preto e o que que é pra branco.*

Alika também fala sobre este imaginário de texturas capilar distintas e pré-determinadas para cada tipo de pessoa, ela relata, através de um exemplo, que:

> *Alika: se uma pessoa negra estiver andando na rua com uma touca e parar pessoas pra perguntar: "como vc acha que é o cabelo daquela pessoa?" É*

> *lógico que se for qualquer negro eles vão falar "o cabelo dela é crespo" (risos).*

Schucman e Gonçalves (2020) destacam que, quando se trata de categorização social, as pessoas negras brasileiras foram submetidas a uma construção social e simbólica que as relaciona à inferioridade e impregnadas com significados de feiura, incivilidade, imoralidade, brutalidade e atraso - elementos hegemônicos nas relações de dominação impulsionadas pela noção de raça. Porém, as pessoas negras têm elaborado, de forma individual e coletiva, "sentidos existenciais não pejorativos ou até mesmo positivos sobre a raça, que envolvem força, poder, resiliência, superação, ancestralidade" (SCHUCMAN e GONÇALVES, 2020, p. 120) E, conforme o relato dos sujeitos entrevistados, percebemos que o cabelo é uma via para este tipo de produção positivada.

## CABELO COMO MEIO DE DENÚNCIA INQUESTIONÁVEL

Ao comentar a relação entre corpo e raça, o antropólogo e sociólogo Le Breton (2007, p. 73) diz que "o homem nada mais é que um artefato da aparência física, do corpo imaginário ao qual a raça dá nome. Cartesiano na ruptura, não é mais ao espírito que o racismo dá importância, mas ao corpo". Cita como exemplo que é através da imposição do uso obrigatório da estrela de seis pontas sobre fundo amarelo que os nazistas decretaram aos judeus para que eles fossem com facilidade diferenciados das demais pessoas, visto que, "uma marca exterior os denunciaria de maneira inquestionável" (LE BRETON, 2007, p. 73), já que os médicos não encontraram sinais corporais nos judeus capazes de diferenciá-los fenotipicamente das demais pessoas.

No tocante, podemos alegar que o cabelo é uma maneira de denúncia inquestionável, pois o cabelo é um marcador social da diferença. Neste trabalho, consideramos como "marcador social da diferença" aquilo que o antropólogo, desenhista e pesquisador Marcio Zamboni (2014, p. 13) define como

> [...] sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais. Em termos de raça, por exemplo, os indivíduos podem ser classificados como negros ou brancos, morenos ou mulatos, asiáticos ou indígenas. Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados (Zamboni, 2014, p. 13).

Cabelo é uma marca exterior que em conjunto, principalmente com a cor da pele, nariz e lábios, é capaz de distinguir racialmente os sujeitos. É possível fazer essa separação das pessoas através dos fenótipos. E, a esse conjunto foram atreladas características que não deveriam estar diretamente relacionadas, tais como moral, civilidade, higiene, inteligência, competência, confiança e periculosidade.

Bintu relata perceber que *quando alguém a chama de "crespinha" é para frisar que "eu sou diferente deles"*, pergunto então*:*

> Entrevistadora*: Quando você fala que 'eu sou diferente deles', você acha que o cabelo é um marcador da diferença assim?*
>
> *Bintu: Eu acredito que sim. Que é através do cabelo que eles me identificam e acho que também dos traços no rosto, por exemplo, nariz mais largo né? Esses traços sim, mas acredito que o principal é o cabelo.*

Já Luena infere sobre as pessoas identificarem ela como morena, ao invés de negra, e afirma que o cabelo o principal fator para tal:

> *Luena: A primeira coisa quando eles olham pra mim e vê meu cabelo liso, me identificam como uma mulher morena e não como uma mulher negra. Aí quando eu falo não, que eu sou uma mulher negra e digo: "olha os meus traços, meu pai é negro, meus irmãos são negros, eu sou negra, independente do cabelo!". Aí eles dizem: "não não, mas você não é tão preta preta assim" eles acham que ser retinto pra eles significa muito também eles identificam a raça por isso também.*
>
> Entrevistadora*: você acha que eles não te veem como negra porque você tem um cabelo liso?*
>
> *Luena: Exatamente por causa do cabelo! O cabelo pra eles diz muito.*
>
> Entrevistadora*: Você acha que o cabelo é um marcador da diferença?*
>
> *Luena: Com certeza! Eu acredito que sim, porque até em entrevista de emprego já me questionaram quando eu coloco mulher negra, já me questionaram se eu tinha colocado certo eu fiquei super constrangida porque eu fui ver o que era achando que era uma outra coisa e tava lá a moça me apontando que eu tinha colocado negra.*
>
> Entrevistadora*: Então você percebeu que eles não estavam te lendo como uma pessoa negra?*
>
> *Luena: Não, eles não me enxergam como uma mulher negra. É morena!*

Ambos os relatos confirmam o exemplo citado acima por Zamboni (2014). Fica explícito para Bintu que quando a chamam de *crespinha* significa que é considerada

uma pessoa diferente dos brancos. E no caso de Luena, que pelo fato do cabelo não ser ondulado ela não é tão negra assim, mas também não é branca, porque a cor da pele "denuncia". Então, as pessoas a classificam racialmente como se estivessem numa comissão de heteroidentificação, na qual, para eles, Luena é percebida como morena.

Na obra intitulada *Interseccionalidade,* Collins e Bilge (2020, p. 42) afirmam que "A cor da pele, a textura do cabelo, as características faciais e outros aspectos físicos tornaram-se marcadores raciais de fato para a distribuição de educação, emprego e outros bens sociais.". Kayin também diz

> *Kayin: Cabelo é um marcador, sim porque até pras pessoas que são menos retintas, tem pessoas que começam deixar o cabelo crescer e tipo assim: "pô sou negro" e aí vê o histórico racial que sofreu a vida inteira e não sabia.*

No prefácio à edição original do livro *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza, intitulado como *Da cor ao corpo: a violência do racismo,* o psiquiatra e psicanalista Jurandir Freire Costa nomeia como relação persecutória que se dá através do preconceito de cor[8], entre o sujeito negro e o seu corpo. E o autor alega que "a identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo." (SOUZA, 1983, p. 30). As formas de escamotear o corpo negro inclui atos considerados fúteis como, por exemplo, os pregadores de roupas utilizados com o intuito de afinar o nariz, e o uso de produtos químicos utilizados para alisar o "cabelo ruim", como o autor mesmo chama. Todas essas ações acompanham a tentativa de embranquecer a família no futuro, por isso algumas pessoas negras têm filhos com pessoas menos retintas ou brancas a fim de clarear, quem sabe, os netos. Jurandir Costa nomeia tudo isso como "uma louca vingança, suicida e homicida, contra um corpo e uma 'raça' que, obstinadamente, recusam o ideal branco assumido pelo sujeito negro" (Souza, 1983, p.31).

Um dos sujeitos participantes da pesquisa, Dayo contou sobre o período em que usava estratégias para alisar o cabelo na tentativa de se aproximar de um padrão branco:

> *Dayo: Na época do Restart, bem lá atrás, teve assunto do Restart na internet e também do Justin Bieber, e sempre pessoas brancas, eu estou falando de pessoas brancas com cabelo bem liso jogado pro lado aquela modinha ou*

[8] No preconceito de cor, "o sujeito negro, ao repudiar a cor, repudia radicalmente o corpo" (Souza, 2021, p. 29).

> *bagunçado que também entra nesse padrão. É, então o que que eu fazia eu queria tentar chegar o mais próximo do padrão, já cheguei passar três vezes na semana, produto no cabelo, e aquele negócio horrível, cheiro fedido na cabeça e ficava horas ali na minha cabeça e, na minha mente quanto mais tempo deixasse aquilo mais liso iria ficar, só que, tava acabando com meu cabelo estava deixando ele mega fino e a cor dele estava desbotando muito, muito cara. Então, é uma loucura e mesmo assim não ficava liso. Olha que engraçado! Eu passei tudo isso pra ele ficar liso e ele não ficava liso. Ele ficava tipo parecendo um espantalho assim mesmo, sabe? Aquela coisa que tentou e não deu certo? E eu tinha que ir pra escola daquele jeito. Então, o que eu fazia pra ir pra escola? Eu colocava uma touca na cabeça, pegava a parte que era da franja que estava mais ou menos lisa, eu tentava dar uma ajeitada ali na frente, aqui na testa e eu ia pra escola sim, mas, a maioria do tempo eu estava de touca porque se eu tirasse a touca, a galeria ia ver meu cabelo e aí já começaria aqueles olhares né!?*
>
> *Erasto: Durante muito tempo, eu cortava meu cabelo sempre baixo, muito baixo, muito baixo mesmo, porque o meu cabelo é crespo né?! Ele começa a enrolar, e vai crescendo, e tem essa coisa de que o homem tem que deixar o cabelo, se o cabelo não for liso, tem que deixar o cabelo sempre curto, baixo. e aí, durante muito tempo eu fui aceitando isso e também achando que não era bonito o meu cabelo grande. e, eu comecei a virar essa chave a partir do momento em que eu comecei a me racializar, então pra mim, a questão da racialização também veio com a questão da consciência, a questão dos traços negróides e do cabelo né?! Porque meu cabelo incomoda. A gente aprende né? A gente aprende a enxergar beleza e a beleza também no corpo da gente, nos traços negróides da gente e no cabelo da gente.*

Assim, é possível notar que este corpo não pertence, em suas significações, completamente ao sujeito e que o racismo incide justamente nesta desapropriação do corpo que se manifesta de maneira violenta na relação do sujeito consigo mesmo. Há, portanto, uma constituição de si pelo olhar que lhe é dirigido, um olhar que é também social, histórico e, portanto, *atravessado por processos de dominação.*

> *Zuri: as vezes as pessoas querem branquealizar a gente também né? querendo tornar a gente meio que brancos porque a gente tá em espaços predominantemente por pessoas brancas a gente tá fazendo cultura, no maracatu a maioria das pessoas são brancas e as vezes as pessoas te colocam como se tu fosse uma delas "eu não sou uma de vocês eu sou muito diferente" então às vezes é preciso mostrar para além do falar é preciso mostrar "olha essa sou eu" (risos)*
>
> Entrevistadora*: Ah, que legal. E você percebe que o cabelo é uma via de demarcar essa diferença?*
>
> *Zuri: É, eu acho. Para além da cor da pele. É junto com a cor da pele né? Que a cor da pele chega ali primeiro mas o cabelo a gente teria a opção de esconder um pouco essa negritude né? mas eu acho né que é um jeito de tu demarcar também a tua negritude é uma forma que eu uso pra demarcar quando eu uso miçangas, quando eu uso né ele colorido quando eu uso tranças*

> *diferentes de black power com coque pra cima é uma forma de dizer eu tenho orgulho da minha raça eu tenho orgulho da minha cor eu tenho orgulho da minha origem eu tenho orgulho do meu cabelo eu gosto dele eu brinco com ele eu acho que a gente gostar da gente é a gente brincar com a gente né?*

O cabelo é um elemento central para a construção da identidade da população negra. Ademais, é um símbolo emblemático que evidencia os obstáculos enfrentados por indivíduos negros em uma sociedade onde a estética europeia é tida como padrão de beleza predominante (GOMES; DUQUE-ARRAZOLA, 2019). Alguns participantes afirmaram que o cabelo compõe a identidade deles:

> Entrevistadora*: Hoje, qual é o significado do seu cabelo pra você?*
>
> *Bintu: Primeiramente, eu acho que faz parte da minha identidade, sabe? Então, assim eu me reconheço muito no meu cabelo porque sempre que as pessoas querem falar sobre mim eles se baseiam muito no "ai Bintu tem um cabelo assim" é uma característica que faz parte da minha identidade cultural assim também, então eu acabei me identificando muito tanto que de vez em quando demora muito na verdade mais um ano outro que eu faça uma chapinha pra ver como eu fico eu não me reconheço, assim, não me reconheço me sinto muito comum, sabe? Parece que eu perco toda minha identidade, assim me sinto comum.*
>
> *Dayo: significa quem eu sou! O cabelo como possibilidade de se autoconhecer e de construir uma identidade própria. eu digo: "hoje vou sair de cabelo!" Assumindo as raízes e enfrentando o racismo.*

Alguns sujeitos ainda disseram que o cabelo significa liberdade, força, expressão, autoestima e até uma via para se sentirem belos e para se autoafirmarem.

> *Erasto: Meu cabelo significa liberdade, e eu comecei a deixar crescer, e eu comecei a deixar ele bonito, eu me sentia lindo, quando eu tô com o cabelo grande eu adoro. Meu cabelo é power, é poder, liberdade, força, expressão, é a expressão do poder. Deixar o cabelo crescer, deixar se avolumar é poder, eu acho lindo, quanto mais volume, ahh, eu enxergo muito poder no cabelo.*
>
> *Kayin: Através do cabelo eu me auto-afirmo. eu comecei a me sentir belo. Eu lembro que foi meio no susto assim que eu comecei a me achar belo, eu começava a sair, as pessoas me paravam assim: "nossa, você é muito bonito!" eu ficava assim: que que essa pessoa quer de mim? Chocado. Isso foi virando recente, eu me reconhecendo com o espelho, eu comecei a buscar referências de pessoas que se parecem comigo. é um processo bem recente, tem aquela música do Baco Exu do Blues que ele fala tipo assim: eu só tô tentando achar a auto estima que roubaram de mim (disse cantarolando) e aí tem um pedaço da música em que ele fala que foram 25 anos para eu me achar lindo, e essa música bate certinho comigo. Eu acho que a estética, o cabelo atravessa muito isso porque é uma autoafirmação, sabe!?*

Seria impossível falar sobre cabelos e não chegar na pauta da identidade negra e da beleza negra. Nossas identidades são compostas tanto pelo auto-olhar quanto pelo olhar do outro. Nossos cabelos podem servir de veículo para a construção e afirmação de nossas negritudes, principalmente de forma positivada capaz de fortalecer e estruturar as pessoas negras para resistir às violências do racismo. Afinal, como diz Nilma Gomes (2020, p. 29), "para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária."

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cabelo é político. Os estudos decoloniais apontam que não existe modernidade sem colonialidade e raça é uma categoria colonial (FANON, 2008; KILOMBA, 2019) que foi criada para justificar a opressão e a colonização do povo das américas, do povo negro e para legitimar a colonização. A colonialidade persiste ainda hoje, a branquitude é prova disso (BENTO, 2022). Então, podemos pensar a transição capilar e o uso de acessórios e dos penteados nos cabelos de pessoas negras como um ato político de resgate da ancestralidade, por isso esse pode ser considerado um ato decolonial, logo, político. Mesmo que, "o cabelo do negro pode ser visto como símbolo de beleza e, incoerentemente, de inferioridade racial" (GOMES, 2020, p. 355). Historicamente, as concepções de beleza, moral e inteligência foram atribuídas aos brancos como falsa condição de superioridade que o racismo lhes confere (CARONE; BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2012). Aos sujeitos negros, o racismo forjou um lugar de inferioridade e subalternidade. Conforme Costa (1983), essa seria uma forma de violência racista com o objetivo de destruir as identidades negras. É em razão disso que podemos concordar com Nilma, quando a intelectual afirma que "para o negro, o estético é indissociável do político" (Gomes, 2020, p. 145). E, a mesma autora acrescenta que:

> A beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial. Ela coloca o negro e a negra no mesmo território do branco e da branca, a saber, o da existência humana. A produção de um sentimento diante de objetos que tocam a nossa sensibilidade faz parte da história de todos os grupos étnico/raciais e, por isso, a busca da beleza e o sentimento do belo podem ser considerados como dados universais do humano. (GOMES, 2020, p. 145).

A negritude possibilita a produção de outros modos de subjetivação aos sujeitos negros e contribui para pensar a positivação das identidades negras. Dito de outro modo, fazer uso do dito "beleza negra" é ter o cabelo como instrumento que permite a

produção de negritude, através da construção de uma identidade negra positiva, é um intermédio para que os negros e as negras tenham a possibilidade de serem vistos como e de serem considerados belos, concessão que esse grupo reivindica, visto que, tiveram esse direito historicamente negado.

## REFERÊNCIAS


ALMEIDA, Silvio de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento. 2018.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, [*s.l.*], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

BLEGER, José. *Temas de psicologia*: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida. *Psicologia Social do Racismo*: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 18, de 11 de agosto de 2002. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 de dezembro de 2002. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF Acesso em: 20/07/2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 18, de 11 de agosto de 2022. Cria o Sistema de Avaliação de Práticas Psicológicas Aluízio Lopes de Brito e estabelece diretrizes para o seu funcionamento. *Diário Oficial da União*, Brasília, 22 ago. 2022. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-18-de-11-de-agosto-de-2022-423857383 Acesso em: 20/07/2023.

COSTA, Jurandir Freire. *Da cor ao corpo: a violência do racismo*. *In*: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz*: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, Bell. *Olhares negros*: Raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência*: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a, p. 26-46.

FRASER, Marcia Tourinho; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, [s.l.]*, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004

FOUCAULT, Michel. *Genealogia del racismo*. Espanha: Altamira, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Claudia; DUQUE-ARRAZOLA, Laura. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As* (ABPN), [*s.l.*], v. 11, n. 27, p. 184-205, 2019. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/496 Acesso em: 20/08/ 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade nos salões étnicos de Belo Horizonte*. (Tese de doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Ed. Cortez, 2009.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz*: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra. Autêntica: Belo Horizonte, 2020.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, [*s.l.*], (spe.), p. 223-244, 1984. Disponível em: https://www.academia.edu/27681600/Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_-_L%C3%A9lia_Gonzales.pdf Acesso em: 20 ago. 2020.

HASENBALG, Carlos *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, [*s.l.*], n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773 Acesso em: 20/07/2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEITURAS BRASILEIRAS. Conceição Evaristo: escrevivência. *YouTube*, [*s.l.*], 20 fev. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY Acesso em: 20 ago. 2020.

LIMA, Emanuel. Racismo no plural: um ensaio sobre o conceito de racismos. *In*: LIMA, Emanuel; SANTOS, Fernanda Fernandes; NAKASHIMA, Henry; TEDESCHI, Losandro (Org.). *Ensaios sobre racismos*: pensamento de fronteira. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2019.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, [*s.l.*], v. 2, n. 1, p. 7-27, 1997. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. O Método em Psicologia Política. Traduzido por Fernando Lacerda. *Revista Psicologia Política*, [*s.l.*], v. 13, n. 28, p. 575-592, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n28/v13n28a11.pdf Acesso em: 20/07/2023.

MARTINS, Edna; SANTOS, Alessandro de Oliveira; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. *Revista Psicologia*: *Teoria e Prática*, [*s.l.*], v. 15, n. 3, p. 118-133, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n3/09.pdf Acesso em: 15/07/2023.

MARTINS FILHO, Moacir; NARVAI, Paulo. O sujeito implicado e a produção de conhecimento científico. *Saúde Debate*, [*s.l.*], v. 37, n. 99, p. 646-654, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sdeb/a/mg98rPPxkvyKSPTyD9h7pBj/abstract/?lang=pt Acesso em: 1/07/ 2023.

MERHY, Emerson. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido. *In*: FRANCO, Túlio. *et al*. (Org.). *Acolher Chapecó*: uma experiência de mudança com base no processo de trabalho. São Paulo: HUCITEC, 2004. p. 21-45.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. *Psicologia em Estudo*, [*s.l.*], v. 16, n. 4, p. 613-622, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/abstract/?lang=pt Acesso em: 15/07/2023.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*: revista de sociologia da USP, [*s.l.*], v. 19, n. 1, nov. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015.

NOGUEIRA, Isildinha. *A cor do inconsciente*: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

REDAÇÃO HYPENESS. 15 músicas que falam sobre o que é ser negro no Brasil. *Hypeness*, [*S.l.*], 21 dez. 2020. Disponível em: https://www.hypeness.com.br/2020/12/15-musicas-que-falam-sobre-o-que-e-ser-negro-no-brasil Acesso em: 15/07/ 2023.

SANTOS, Alessandro de Oliveira; SCHUCMAN, Lia. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos (as). *Revista. Epos*, [*s.l.*], v. 6, n. 2, p. 117-140, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v6n2/07.pdf Acesso em: 15/07/ 2023.

SCHUCMAN, Lia. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. *Psicologia Política*, [*s.l.*], v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v10n19/v10n19a05.pdf Acesso em: 15/07/ 2023.

SCHUCMAN, Lia. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo:* raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. (Tese de doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, Lia; GONÇALVES, Monica Mendes Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, [*s.l.*], v. 72, n. spe., p. 109-123, 2020. http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.109-123.

SOUZA, Luciana Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. 2004. *In*: WARE, V. (org.). *Branquidade*: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 363-386.

SPINK, Peter kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & sociedade*, [*s.l.*], v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003. https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, [*s.l.*], v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008. https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010

VYGOTSKY, Lev. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais da Diferença. *Sociologia: grandes temas do conhecimento*, São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod_resource/content/0/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf Acesso em: 10/08/2022.

ZANELLA, Andréa. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, [*s.l.*], v. 9, n. 1, p. 127-135, 2004.: https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100016

*Recebido em: 18/08/2023*

*Aprovado em: 18/09/2023*